

Duas leituras sobre as transformações da cultura urbana de Porto Alegre nos anos 1970: entre memória e ficção

CHARLES MONTEIRO*

Resumo: O artigo problematiza a memória e a percepção das transformações dos espaços, das formas de sociabilidade e da cultura urbana em Porto Alegre nos anos 1970 através das crônicas de Nilo Ruschel e Moacyr Scliar.

Abstract: The present article discusses memory, the perception of changes in urban spaces, forms of sociability and a new urban culture in Porto Alegre through the chronicles of Nilo Ruschel and Moacyr Scliar, written in the 1970th.

Palavras-Chave: Porto Alegre. História urbana. Crônicas.

Keywords: Porto Alegre. Urban history. Chronicles.

O que é uma cidade? Quem define a sua identidade e a de seus habitantes? Como se produz e se conta a história de uma cidade? Como os cidadãos conhecem a história da sua cidade? Quem conta, para quem conta, como conta e o que conta sobre a história da cidade? A partir de que perspectiva de interesses e com que horizonte de futuro?

Eis aí algumas das perguntas que os historiadores de hoje, principalmente aqueles que pretendem fazer uma história urbana ou uma história cultural da cidade, podem colocar aos textos produzidos nos passado que visavam responder a demanda de memória dos diferentes grupos e sujeitos sociais sobre a trajetória de uma sociedade urbana no tempo. Mas que textos são estes que contam a história da cidade? Qual sua natureza e sua forma? Quem os escreveu e em que contexto? Eis aí outras perguntas que

* Doutor em História Social pela PUCSP e professor do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS

derivam das primeiras e que podem iniciar um percurso interpretativo sobre a produção de histórias e de crônicas sobre a cidade.

No Brasil, os cronistas foram os primeiros a produzirem uma escrita sobre a cidade, visando dar conta de sua trajetória no tempo. As primeiras crônicas datam do período colonial. Depois, com o surgimento da imprensa no início do século XIX, os jornalistas começaram a apontar os problemas urbanos, exigir certas melhorias dos poderes públicos e perceber mudanças no espaço e nas formas de sociabilidade públicas.

Pretendo dialogar com um conjunto de crônicas produzidas por Nilo Ruschel (*Rua da Praia*, 1971) e Moacyr Scliar (*Mistérios de Porto Alegre*, 1976), nos anos 1970, como narrativas da cidade que continuam ecoando no presente. Falas que manifestam uma pluralidade de vozes, evidenciando os “traumas” causados pela aceleração do tempo e a ruptura com o passado, que aquele presente procurava superar através da reelaboração da memória.

No início dos anos 1970, Porto Alegre estava passando por uma série de transformações profundas na paisagem urbana e na forma de gestão do espaço urbano. O período foi marcado por um grande crescimento da população urbana e da área da cidade, que se estende alcançando os municípios vizinhos e os integrando como áreas periféricas num processo de metropolização. A população de Porto Alegre passou de 394 mil habitantes em 1950 para 885 mil nos anos 1970. Tendo a área metropolitana de Porto Alegre passado de 590 mil habitantes em 1950 para 1 milhão e 531 mil em 1970. Ou seja, a população da cidade dobrou em vinte anos, enquanto a população da região metropolitana triplicou!

As migrações do campo e das pequenas cidades para a capital foram as principais responsáveis por esse crescimento populacional. A nova escala de especialização da economia urbana – indústria, comércio, bancos, serviços e administração pública – complexificaram a estrutura social e criaram novas demandas de serviços e equipamentos urbanos como transporte de massa, saneamento, energia, habitação, saúde, educação e área de lazer.

A cidade se expandia criando áreas periféricas destituídas de infra-estrutura básica e se verticalizava através da construção de edifícios de escritórios e de apartamentos na área central. A administração pública tentou controlar esse crescimento através de planos diretores (1959, 1979) realizando grandes obras urbanas, principalmente, viárias para solucionar os problemas de tráfego e comunicação entre os bairros e o centro das cidades. A administração de Porto Alegre estava a cargo de um técnico, o engenheiro Telmo Thompson Flores, que tinha sido escolhido e nomeado para o cargo pelo Governador. Todos homens alinhados com a ideologia modernizadora e conservadora do regime militar.

Procurando pensar os problemas urbanos da cidade no presente e, também, projetá-la para o futuro, a administração de Thompson Flores elaborou um plano de reformas urbanas. Por se tratar de um período de exceção, essa administração não teve grande dificuldade para realizar desapropriações e demolições necessárias à execução de um projeto viário com a construção de um sistema de perimetrais, radiais, túneis e elevadas.

Para legitimar a nova política urbana, sua administração preparou as grandes comemorações do bicentenário da cidade, em 1972, que foram precedidas de toda uma discussão sobre a data correta da fundação entre os historiadores locais.

A modernização do espaço urbano através da abertura de grandes avenidas baseadas nas necessidades do tráfego de ônibus, de cargas e de automóveis, bem como a demolição acelerada de prédios antigos e a retirada de circulação dos bondes, causaram um impacto na sociedade local e uma experiência de ruptura em relação às experiências urbanas do passado. O que deflagrou um movimento pela preservação dos prédios históricos e pela criação de um museu da cidade, bem como de publicação de livros de história e crônicas sobre a história e a memória urbana de Porto Alegre. Foi neste contexto de transformações nos espaços e nas formas de sociabilidade urbana, bem como na percepção dos habitantes da sua cidade, que surgiram as crônicas de Nilo Ruschel na busca de recuperar a memória de uma “outra cidade” de Porto Alegre que rapidamente apagava as suas pegadas de sua trajetória no tempo, de seu passado.

Ao lado das reportagens sobre as reformas urbanas e as práticas comemorativas da administração Thompson Flores, o jornal *Correio do Povo* publicou no suplemento cultural Caderno de Sábado uma série de artigos, sobre a história de Porto Alegre. Uns tratavam das origens da povoação e outros da data de fundação da cidade; mas também foram publicadas crônicas sobre a “Rua da Praia” escritas por Nilo Ruschel. Inseridas nesta vaga memorial, as crônicas de Ruschel buscavam expressar a percepção da passagem do tempo e das transformações dos espaços e das formas de sociabilidades urbanas de uma maneira diferente da dos historiadores. Estes estavam preocupados em resolver a questão da data de fundação da cidade, de quem teria sido seu “fundador” e compreender a formação urbana de Porto Alegre. Já as crônicas de Nilo Ruschel buscavam recuperar a memória das práticas cotidianas de um grupo em uma “outra” cidade situada no passado.

Motivado pelas disputas dos historiadores nos jornais, Ruschel escreveu uma primeira crônica sobre a Rua da Praia no *Correio do Povo*.¹ Inicialmente, projetara apenas uma crônica, mas ao final o autor pedia licença ao editor do Caderno de Sábado para continuar suas recordações na semana seguinte. Depois, com o título *Rua da Praia* e numeradas em romanos, essas crônicas sucederam-se semanalmente por um ano nas páginas do Caderno de Sábado do *Correio do Povo*.² A Prefeitura Municipal publica essas crônicas em livro como parte das comemorações da XII Semana de Porto Alegre em novembro de 1971.

Ruschel dizia que sua preocupação era “retratar a expressão que a rua tem... que resulta no que de mais expressivo e definidor a cidade tem”. Para isso, evocava “retalhos de vida, figuras e tipos” que viveram ai viveram. Rua que é um lugar de memória – “ilha de recordações para cada um” – da experiência urbana de Porto Alegre. Afirmava que sua narrativa devia fluir sem se ater à disciplina ou ao método da historiografia.

Essas crônicas nutriram-se do manancial de lembranças da memória coletiva, porém através do quadro social da memória do autor. O cronista afirmava ater-se a veracidade dos fatos relatados. E, para isso, contara com a memória de leitores, amigos de juventude, de jornalismo e de boêmia para completar e corrigir seus relatos. Memória compartilhada, que circulava pelas páginas do jornal e provocava repercussões nos leitores, que enviavam cartas ao jornalista sobre eventos e pessoas evocadas em suas crônicas.³

Nesse sentido, as crônicas de Ruschel inserem-se na tradição de escrita dos cronistas da cidade. Tradição de escrita sobre a memória das experiências urbanas no passado, que se desenvolve em paralelo à produção historiográfica sobre Porto Alegre. Tradições que não são estanques, mas que se cruzam pelas características do campo cultural e na forma de escrita desses autores, que circula entre a memória coletiva, a literatura e a história. Produtores e gerenciadores da memória coletiva que participam simultaneamente do Instituto Histórico e Geográfico, da Academia Rio-

¹ RUSCHEL, N. Rua da Praia, *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, 13/2/1971, p. 12-13.

² RUSCHEL, N. Rua da Praia XXXX, *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, 15/1/1972, p. 5.

³ Cf. RUSCHEL, N. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971, p. 283; RUSCHEL, N. Rua da Praia, *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, 16/10/1971, p. 3. Nesta crônica o autor transcreve trecho da carta de um leitor sobre a origem e o aspecto do primeiro Chalé da Praça 15 de Novembro. As citações das crônicas de Nilo Ruschel foram extraídas do livro.

Grandense de Letras, trabalham ou colaboram em jornais locais e publicam livros sobre a cidade. Mas, também, que partilham experiências urbanas, freqüentando os mesmos espaços de sociabilidade na cidade: cafés, bares, alfaiatarias e livrarias.

As crônicas de Ruschel nos colocam diante de “outra” cidade. A sua escrita responde à demanda de memória, naquele contexto de demolições e reformas urbanas. Os sujeitos das memórias de Ruschel compreendem um amplo leque desde os tipos populares que percorriam as ruas centrais da cidade às elites políticas e intelectuais que se reuniam em grupos seletos ao redor das mesas de certos cafés e restaurantes da Rua da Praia.

Os tipos populares surgem como elementos característicos da identidade urbana de Porto Alegre, como vozes que atravessavam a Rua da Praia dando-lhe uma nota pitoresca. Entre os mais característicos estavam os vendedores de jornais, como o Adãozinho, a Maria Chorona e o João da Balas. Mas, também, outros músicos e vendedores de rua, cujos verdadeiros nomes e histórias eram desconhecidos e que ganham um lugar na memória afetiva da Rua da Praia.

Ruschel recordava da presença negra no carnaval de rua em Porto Alegre no início do século.⁴ O autor lembrava do preconceito racial da sociedade local, já que os negros deviam ficar do “outro lado” da rua nos desfiles de carnaval.

Apesar de evocar principalmente espaços e formas de sociabilidade masculinas, as mulheres também têm seu lugar de memória nas crônicas de Ruschel. Tanto àquelas que pertenciam às elites e ao meio artístico, quanto as pertencentes às camadas populares. Entre elas estava Maria Chorona, cuja voz ecoava na memória do cronista.

Maria Chorona representava as mulheres das camadas populares em sua faina diária pelas ruas da cidade, exercendo pequenos ofícios na luta pela sobrevivência. Seu pregão soava como um lamento aos ouvidos de Ruschel, misturando-se à voz de outros vendedores de rua nas noites frias de inverno, testemunhando a difícil condição de vida das mulheres das camadas populares. O autor também lembrava das “mariposas”, que à noite das portas e janelas das casas modestas do Beco do Oitavo, iluminadas por luzes vermelhas, abordavam os passantes.

As mulheres da elite freqüentavam as confeitarias da Rua da Praia, acompanhadas pelas filhas ou marido. A nova cultura urbana possibilitou a conquista de novos espaços de sociabilidade e

⁴ RUSCHEL, op. cit., p. 173.

maior liberdade para as mulheres. Porém, existiam espaços, como o ensino superior, em que as mulheres não tinham acesso nos anos 1920 e 30.⁵

Ruschel evocava a presença dos imigrantes entre os sujeitos que animavam a Rua da Praia e contribuíram para a formação da nova cultura pública que se articulava ao redor de cafés, confeitarias, bares e restaurantes. O grupo mais citado pelo autor são os alemães, que aparecem como introdutores do hábito de tomar chope após o expediente nos bares do centro.

O cronista não idealiza a presença dos imigrantes na sociedade local, recorda-os também entre as camadas populares e menos privilegiadas da sociedade porto-alegrense, embora lembrasse principalmente os bem sucedidos como o italiano Nicolau Rocco, dono da Confeitaria Rocco.⁶

Ruschel rememorava, pontualmente, a presença de outros imigrantes e estrangeiros em Porto Alegre, nas artes e no comércio, entre outros, franceses, ingleses, austríacos e espanhóis.

O grupo dos estudantes é lembrado como muito atuante na cidade, tanto nas repúblicas, onde se formavam futuros líderes políticos, quanto no teatro e na literatura como agentes de inovações culturais formais e temáticas.

Os políticos, apesar de pertencerem a facções políticas diferentes, tinham hábitos sociais e padrões de consumo semelhantes como membros da elite, freqüentando os mesmo lugares: alfaiatarias, restaurantes e cafés.

Este cronista recordava que era possível encontrar no Largo dos Medeiros os jornalistas a caça das notícias nas rodas dos políticos. Ele lembrava que, ao sair da redação do jornal, já de madrugada, ia direto ao Café Suíça.⁷ No Café Colombo encontrava o Augusto Meyer, o cronista Otávio Telles de Freitas do *Diário de Notícias*, o poeta Rui Cirne Lima e o Mansueto Bernardi.⁸ Na porta da Livraria do Globo Athos Damasceno Ferreira, Moysés Velinho, Carlos Dante de Moraes, Rubens Barcelos, Osvaldo Aranha e Walter Spalding. Em outra crônica, o autor referia-se aos intelectuais que freqüentavam o Chalé da Praça 15 de Novembro, como “mais ou menos a mesma turma do Colombo da década de Vinte”: Theodomiro Tostes, Paulo de Gouvêa, Leônidas Garcês, Augusto Meyer Joaquim Guerreiro, Sotero Cosme, Athos Da-

⁵ RUSCHEL, op. cit., p. 184.

⁶ RUSCHEL, op. cit., p. 270, 136.

⁷ RUSCHEL, op. cit., p. 8.

⁸ RUSCHEL, op. cit., p. 15-16.

masceño, Celso Aquino, Sérgio de Gouvêa.⁹ Tratava-se de um grupo de jornalistas, escritores, advogados e políticos que atuavam em várias áreas da vida cultural porto-alegrense nas décadas de 1920 a 1950. Certos sujeitos tinham seu ponto certo numa porta, parede ou esquina.¹⁰

Os músicos formavam outro grupo que circulava pelo centro da cidade e reunia-se em determinados bares, restaurantes e cafés. A Rua da Praia era apresentada como um caminho feito de música e sons, onde de espaço em espaço os cafés derramavam melodias pelas calçadas e convidavam os passantes a sentar e tomar uma xícara de café.

Observa-se que Ruschel tratava de formas de sociabilidade que caracterizavam uma determinada cultura urbana que se organizava ao redor desses cafés no centro da cidade. Uma forma de cultura pública que englobava as elites e as camadas médias urbanas que circulavam pelo centro da cidade.

A Rua da Praia surge nas crônicas de Nilo Ruschel como algo mais do que uma simples rua. Ela é na verdade um território afetivo e existencial com limites imprecisos, cujas margens estendem-se bem além das quadras que figuram nos mapas. Um espaço síntese de todo o centro da cidade, mas também um porto do qual é possível zarpar ou no qual pode-se aportar trazendo histórias de outros lugares. Um lugar de memória de um grupo socioprofissional (jornalistas, escritores, advogados, políticos) e de formas de sociabilidade de uma cultura pública urbana nos anos 1920, 1930 e 1940, que se articulava ao redor de cafés, bares, restaurantes, alfaiatarias, engraxatarias, casas comerciais, redações e hotéis do centro da cidade.

As crônicas desse autor rememoram uma cultura pública diferente da das grandes metrópoles, onde a multidão permitia o anonimato e o individualismo. As lembranças de Ruschel apontam para sujeitos e grupos conhecidos, com seus hábitos e espaços de eleição.

Ruschel referia-se ao tempo geralmente de forma imprecisa em suas crônicas, eventualmente apontando uma década, um ano e, mais raramente, uma data precisa para falar de sujeitos, espaços urbanos e acontecimentos.

O autor estendia os limites temporais dessa cultura pública urbana dos cafés e bares da Rua da Praia dos anos 1920 até os anos

⁹ RUSCHEL, op. cit., p. 261.

¹⁰ RUSCHEL, op. cit., p. 14.

1950.¹¹ Um tempo, segundo o cronista, que ninguém tomava o café de pé e este vinha acompanhado de um copo d'água e a conversa fluía despreocupadamente. O cronista referia-se a esse *passado como um tempo perdido* do qual o presente se distanciou.

Ruschel apontava para a transformação da fisionomia do centro da cidade e das formas de sociabilidade pública. Os bancos, as financeiras e as lanchonetes vinham substituindo os cafés e os bares nos anos 1960 e início dos 70. Uma aceleração da temporalidade com a mudança física dos espaços urbanos, que provocou um corte com as experiências urbanas do passado. A ruptura com a antiga cultura pública urbana é o fator que desencadeia a demanda de memória e de história, que as crônicas de Ruschel vêm responder.

O outro cronista é Moacyr Scliar, médico, professor, cronista e escritor, que nasceu em 1937, em Porto Alegre, e publicou seu primeiro trabalho em 1962: *Histórias de um Médico em Formação*. Escreveu diversos livros entre romances, contos e crônicas. Toda uma parte de sua produção literária tem como tema, direta ou indiretamente, a cidade de Porto Alegre. Entre seus romances que abordam espaços da cidade estão: *A Guerra do Bom Fim* (1972), *Os Deuses de Raquel* (1975), *Os Voluntários* (1979).

Em 1976, Scliar publica o livro *Mistérios de Porto Alegre* reunindo um conjunto de crônicas originalmente publicadas no jornal Zero Hora. O livro tem 96 páginas e 22 crônicas, divididas em duas partes: a "1ª Os Mistérios de Porto Alegre", com oito crônicas, e a "2ª Reportagens do Imaginário" com 14 crônicas. O título é muito sugestivo, pois vários livros foram publicados no século XIX, na Europa e no Brasil, com um título semelhante: *Os Mistérios de Londres*, *Os Mistérios de Paris* e *Os Mistérios do Rio*.

Livros que tratavam da nova condição do indivíduo imerso na multidão da grande metrópole, submetido aos novos ritmos de trabalho, transporte e perigos nesse novo ambiente percebido como hostil e esmagador. Autores como Edgar Allan Poe abordaram em seus contos essa fantasmagoria da metrópole.

A obra de Scliar se diferencia da tradição de cronistas das cidades brasileiras e de Porto Alegre pela dimensão ficcional da sua escrita. Enquanto a maioria dos cronistas abordaram os sujeitos e espaços urbanos utilizando-se da linguagem realista, Scliar situa-

¹¹ Em tese de doutorado sobre São Paulo, a partir de depoimentos orais e dos relatos dos cronistas, Lúcia Helena Gama aborda as mudanças na cultura pública urbana nos anos 1940 e 1950. Cf. GAMA, L. H. *Nos bares da vida. Produção cultural e sociabilidade em São Paulo – 1940 e 1950*. São Paulo: Editora SENAC, 1998, p. 181-314.

se na corrente do realismo fantástico que se desenvolve na literatura latino-americana a partir dos anos 1960. Nesse sentido, em suas crônicas percebem-se referências a lugares, sujeitos e acontecimentos reais do passado da cidade, mas também ocorre uma refiguração ficcional dessa matéria em personagens, lugares e tempos imaginários. Outra particularidade é que enquanto a maioria dos cronistas da cidade eram memorialistas, que procuravam reelaborar memórias do passado da sociedade porto-alegrense, Scliar situa suas narrativas no presente ou num “quase-presente”.

Em *Mistérios de Porto Alegre* (1976), o cronista trata de temas contemporâneos como as mudanças na paisagem urbana, a especulação imobiliária, a aceleração do tempo, os problemas de trânsito, o consumismo, a desigualdade social e as crises de identidade dos sujeitos relacionados aos conflitos e às perdas causadas pela modernização. Porém, esses temas são tratados com humor e ironia numa linguagem coloquial, que em alguns momentos se dirige diretamente ao leitor através de perguntas e outros procedimentos, que estabelecem uma relação de cumplicidade entre autor e leitor das crônicas.

Esses problemas urbanos e sociais são tematizados por meio dos percalços vividos pelas personagens imaginárias de suas crônicas. Personagens que na maioria são homens e mulheres comuns das classes médias ou populares, como domésticas, eletricitas, carteiros e migrantes. No entanto, uma característica os une, eles geralmente se adaptam mal ao ritmo cotidiano massificador da grande cidade. As situações nas quais esses personagens se envolvem ou são envolvidos desvelam a absurdidade e o *non-sense* de certos aspectos da vida cotidiana na sociedade urbana moderna.

Os leitores dessas crônicas pertenciam preferencialmente às camadas médias urbanas, segmento social ao qual pertence o próprio escritor e uma boa parte de suas personagens. O mundo ficcional dessas crônicas diz respeito aos dilemas e a forma conflitual que a classe média local e brasileira, de uma forma mais abrangente, estava vivendo um processo contraditório, acelerado, desigual e excludente de modernização nos anos 1970, durante os governos militares. O realismo fantástico das crônicas era, também uma forma de dizer as coisas de forma crítica e criativa evitando os problemas da censura.

Nesse contexto, a crônica é reflexão e auto-reflexão sobre o autor-narrador, sua escrita, seu lugar social e os dilemas de sua sociedade. Na crônica “Antologia da Galeria Chaves”, em metalinguagem, o autor reflete sobre a escrita da crônica:

A crônica pode ser um passeio pelas galerias do inconsciente – mas o que é que se encontra lá? Imagens confusas, coisas velhas e empoeiradas. A Galeria é um lugar de luzes e vitrines; mas também pode ter os seus recantos empoeirados (o toldo de madeira sobre o bazar).

Hoje, domingo a Galeria está calma e silenciosa. A crônica, pelo contrário, geme baixinho – toda a crônica é um pedido de socorro: socorro, amigos! Socorro, pai, mãe! Socorro, senhores vereadores! [...]

A Galeria não mente. A crônica mente. E termina contando uma história.¹²

Embora a crônica seja como que um passeio pelo inconsciente e as imagens da cidade que projeta sejam confusas e enganadoras, ambas guardam uma relação com a experiência vivida. É através de um trabalho de decifração desses índices do real, que a crônica possibilita uma reflexão sobre a percepção dos contemporâneos da realidade e dos dilemas sociais urbanos. O trabalho do historiador pode contribuir para a decifração desses índices, desses códigos sociais, dessas narrativas da cidade.

A crônica “Geografia fantástica da cidade de Porto Alegre” relaciona a trajetória de vida do cronista-narrador à história e à geografia da cidade, reconfigurando-as através da ficção e do conteúdo imaginário que alguns lugares da cidade evocam nesse narrador-autor. Vejamos por partes:

*Estamos em plena semana de Porto Alegre... Falemos sobre a cidade. Jerônimo de Ornelas estaria mais autorizado a isso, claro, mas eu nasci aqui, Jerônimo não; estou vivo (ainda não saí de casa hoje). Jerônimo não. Atrevo-me pois a escrever.*¹³

Scliar faz referência ao estancieiro que uma carta de concessão de sesmaria da Coroa Portuguesa e foi um dos primeiros habitantes, se excluirmos os guaranis, que ocuparam as terras onde surgiria Porto Alegre. O autor-narrador, o “eu” da crônica, se compara ao suposto “fundador”, pois a escrita também é um ato fundador e o narrador bem o sabe.¹⁴ A sua legitimidade para escrever sobre o assunto baseia-se no fato de ter nascido em Porto Alegre, estar vivo, e, portanto sentir-se “cidadão”. A crônica estabelece um paralelo entre a experiência de vida desse autor-narrador e a geografia da cidade:

¹² SCLIAR, M. Mistérios de Porto Alegre. Porto Alegre: Zero Hora, 1979, p. 20.

¹³ SCLIAR, op. cit., p. 3.

¹⁴ Sobre a discussão da fundação e a gestão política da memória e da história da cidade de Porto Alegre cf. MONTEIRO, C. *Porto Alegre e suas escritas – História e memórias (1940 e 1972)*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em História Social) Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Não estou muito velho, comparando a outros cidadãos, mas minhas lembranças da infância falam de uma cidadezinha pequena e sorridente (ou era eu quem sorria? Mudou o Kolykos, ou mudei eu?). Três Figueiras era campo, ali se fazia piquenique. Em Teresópolis também. E ir à praia de Ipanema era uma aventura que exigia dias de preparação. Um safári.

Cresci e engordei; a cidade também. Expandiu-se para os lados, para cima; para baixo, não sei – quem conhece os subterrâneos de Porto Alegre? Eu não. Há muitos edifícios novos: conheço alguns dos arquitetos, dos engenheiros que os construíram; eram do meu tempo, brincávamos juntos em ruas de bairros tranqüilos. Desejaria que estivessem seguindo meu caminho, que tivessem feito ficção, construindo castelos imaginários ou moinhos de vento, ao invés de caixas de socar gente dentro.¹⁵

O passado é o lugar de uma outra cidade, menor e mais feliz. Mas a cidade se transformou, expandiu-se em direção a periferia e verticalizou-se. Como na crônica, não é mais possível conhecer toda a cidade, nem sua periferia nem seus subterrâneos. Talvez, por isso, o habitante não consiga mais se reconhecer na cidade e a ficção seja uma das maneiras do leitor aproximar-se dela. O cronista aponta para uma série de problemas advindos dessa transformação: o crescimento descontrolado, a formação de um exército de subempregados, de excluídos, um trânsito caótico de buzinas ensurdecedoras através de um emaranhado de túneis, viadutos e vias expressas. A crônica aborda as reformas urbanas em curso na cidade e a modernização conservadora e excludente dos anos 1970. O narrador-autor exige providências e terminado apontando de quem é a responsabilidade por esse estado das coisas:

No entanto, a cidade somos nós. Quem está dentro dos automóveis? Nós. E nos edifícios? Nós. Assumamos. Apesar dessa nossa relação ambivalente com a cidade, dessa tendência de só querer as coisas boas sem pagar o preço que elas custam. A volta à natureza, à época das ovelhinhas (?) pastavam nas colinas de Porto Alegre não é mais possível. O que precisamos é mudar a nossa vida. A cidade mudará conosco. Por que há várias Porto Alegre, uma para cada habitante. Eu, por exemplo, tenho dentro de mim uma geografia fantástica: uma cidade em que cada bairro conta uma história estranha.¹⁶

A cidade não é apenas feita de espaços construídos como casas, prédios, ruas e avenidas, de materiais como cimento, ferro, vidro, asfalto, madeira e pedra, mas a cidade é formada sobretudo

¹⁵ SCLIAR, op. cit., p. 4.

¹⁶ SCLIAR, op. cit., p. 6.

pelos seus habitantes, que são os sujeitos que a constroem, a demolem e, também, podem transformá-la. A cidade é uma formação social viva e muda conforme mudamos as nossas vidas. A cidade somos nós, afirma a crônica, tanto o cronista quanto o leitor. Mas a cidade é também o nosso imaginário e uma escrita. Há várias Porto Alegres. Cada habitante tem alguma história a contar e uma cidade imaginária dentro de si. O habitante-cronista ao estabelecer uma cumplicidade com o habitante-leitor propõe-se a narrar algumas dessas histórias da sua cidade interior – composta de experiência social reelaborada pela subjetividade, memória, desejo, dilema – e que tem uma geografia fantástica.

Assim como o imaginário trabalha com a realidade material e a transfigura, a crônica trabalha com a experiência social dos espaços da cidade e a reconfigura de maneira ficcional. As imagens da cidade que emergem dessas crônicas são variadas, fazem parte tanto de um repertório de imagens herdadas pelo cronista da literatura do século XIX, como o título, quanto de experiências urbanas do próprio cronista em seus percursos reais e imaginários pela cidade. Essas imagens estabelecem uma tensão entre a experiência da modernidade marcada pelas novas tecnologias e as imagens arcaicas herdadas.

Em “O zumbi do túnel da Conceição”, os túneis se tornam cavernas de onde mortos vivos – fictícios transeuntes atropelados por carros em alta velocidade – assombram os motoristas que por ali se aventuram em horas avançadas. Nessas “cavernas urbanas” se escondem os bárbaros, os excluídos que não encontram lugar nessa sociedade moderna marcada pelas luzes artificiais, pelo concreto, pela velocidade.

Essa fantasmagoria da cidade moderna é retomada na crônica “Três encontros na Avenida Ipiranga”. A nova avenida era um ícone da modernidade urbana de vias expressas almejada pela administração municipal nos anos 1970:

Assim é a Avenida Ipiranga, a contradição entre o moderno e o arcaico, entre o refulgente e o repugnante. E os seres escuros e vacilantes que se movem em baixo das pontes estão bem no vértice dessas forças contraditórias: mergulhados na miséria, a um passo do progresso.¹⁷

Nessa crônica, Scliar inverte o sentido do tempo e a medida que o personagem imaginário, o advogado Lúcio Carvalho, avança em alta velocidade pela Avenida Ipiranga ele volta ao passado. No

¹⁷ SCLIAR, op. cit., p. 11.

primeiro encontro não se reconhece no jovem que pega carona. No segundo, não se identifica com o menino que corre atrás da bola. No terceiro, desvia do bebê que atravessa a rua engatinhando e bate contra um poste. O personagem se salva do acidente, mas passa a utilizar outra avenida e não olha mais para os lados. A crônica propõe uma meditação sobre o tempo, o seu sentido e a possibilidade de sua reversibilidade. Senão real, ao menos através da memória ou da crônica, espaço de meditação sobre a passagem do tempo e memória escrita.

Em outra crônica, “Mulher na Manhã de Outono”, o cronista produz outra metáfora sobre a passagem do tempo. A mulher-personagem acorda com muitas coisas a fazer, mas antes precisa escovar os dentes. Quer tomar um bom café, mas, antes tem que escovar os dentes. De repente, se vê lavada e penteada e o marido lhe pergunta pelo almoço! Olha de novo e vê na sala umas pessoas parecidas com seu marido e sua filha cantando parabéns. Ela pensa que deve ser seu aniversário. Ela deve cortar o bolo, mas antes precisa escovar os dentes. De repente se vê deitada, com as mãos cruzada sobre o peito e uma névoa ao redor e percebe, então, que todas as coisas que tinha que fazer já haviam sido feitas.

Outra imagem que surge nas crônicas de Scliar é a da cidade-selva, como lugar da luta pela sobrevivência, de disputa entre diferentes grupos sociais. Na crônica “Robinson Crusó de Porto Alegre”, o cronista aborda as contradições da modernização e a divisão desigual de seus frutos na sociedade.

Anselmo Ribeiro é um retirante expulso do campo e que tendo vendido tudo que possuía no interior, vem para Porto Alegre a procura de um primo que mora em uma vila popular. Ao chegar a vila, Anselmo encontra uma casa de madeira em ruínas e descobre que o primo havia se mudado. Anselmo, então, acomoda a família nas ruínas das casas e toma um ônibus para o centro em busca de emprego. No centro, caminha pelas ruas perdido, esbarrando nos transeuntes sem nada entender. Quando vai tomar um café, descobre que foi roubado: desespera-se. Resolve deixar aquela cidade “voraz”, pegar a família e voltar para o interior. Porém, dá-se conta que não se lembra mais do nome da vila, não tem mais dinheiro e não conhece ninguém. Sente-se um exilado! Passa a morar nas ruínas de um prédio e a alimentar-se das pombas que caça em frente a prefeitura. Conhece pessoas e aprende a viver nas ruas, melhorando um pouco a sua situação. Então, se lembra de fazer uma pandorga como um sinal para ser achado pela família. Sobe ao Alto da Bronze e empina a pandor-

ga. A família consegue lhe encontrar, eles começam a sonham com um reinício, em melhorar de vida: comprar casa, carro, roupas e viajar. Mas, Anselmo termina sendo atropelado por um ônibus. É levado ao Pronto Socorro, mas termina morrendo.

Situação paradigmática dos anos 1970, da migração do campo e das pequenas cidades para a cidade grande. Anselmo e sua família desconhecem a linguagem e os códigos da metrópole: se sentem perdidos. Buscam integrar-se, mas terminam roubados em sua dignidade, frustrados em seus projetos de futuro e excluídos. Passam a viver dos restos daquela modernidade reluzente, cuja moral na crônica é sintetizada por: “aqui, ou a gente come ou é comido”. Modernidade que significa tanto “civilização” quanto “barbárie”. É sintomático que esse personagem não encontre ao final da crônica a redenção nessa nova terra prometida e que termine sendo atropelado por um ônibus em alta velocidade.¹⁸ Essa modernidade cobra seu preço, exigindo o sacrifício de algumas vidas para que a cidade-monstro da crônica continue rolando.

A cidade-labirinto é outra das metáforas utilizadas nas crônicas de Mistérios de Porto Alegre. O carteiro que fazia sempre os mesmos trajetos foi encarregado de entregar uma carta em um número da rua que ele ainda não conhecia: um subsolo. Tinha que cumprir a sua missão, entregar aquela carta. Depois, poderia ir para casa encontrar a família e jogar futebol com os amigos. Desce por um caminho difícil, termina ficando preso, não encontra mais a saída. O narrador compara a situação do carteiro à crônica, a vida e a página que vão terminando. Ao final o leitor poderia, como o cronista, perguntar-se: encontraremos uma saída? A que custo devemos cumprir o trabalho de entregar essa carta, essa mensagem? Encontraremos o destinatário? Ele ainda mora lá? Existirá mesmo destinatário a quem possamos entregar essa carta? O tema aqui, também parece ser o dos limites da escrita, da dificuldade ou impossibilidade de transmitir a mensagem ao leitor. Onde está esse leitor? Quem ele é? O que pensa sobre sua vida e sobre a sua cidade? Esse é o tema de uma outra crônica.

Em “Vinte perguntas ao porto-alegrense”, Scliar estabelece uma espécie de diálogo imaginário com seus leitores sobre a história e a identidade da cidade. Vejamos algumas dessas perguntas:

¹⁸ O que nos lembra o Gaetaninho de *Brás, Bexiga e Barra Funda* de Alcântara Machado e o menino do filme *Rio 40º* de Nelson Pereira dos Santos.

1 Porto-alegrense, és feliz?

2 Porto-alegrense, o que farás quando chegar o anos 2000? Consideras-te preparado para o terceiro milênio? Caso sim – e para o juízo final? Crês que as cornetas dos sorveteiros devam soar, como trombetas apocalípticas?

4 Aceitarias de bom grado a formação de uma República Autônoma de Descendentes de Açorianos? Com sede no Alto da Bronze? Reconhecerias seu governo? Garantirias a seus habitantes o direito a autodeterminação? Sentarias com eles à mesa de negociações? Constituirias com a nova nação uma Federação – ou preferirias reduzi-la à condição de satélite? Por último – mas não menos importante – proporcionarias mercado para os produtos lá fabricados?

14 Onde situarias o inconsciente coletivo da cidade de Porto Alegre? No Partenon, ou no Caminho Novo? Justifica a tua posição. E já que estás nesse assunto: o superego, onde o colocarias? Nos Moinhos de Vento? No Teatro São Pedro? No Palácio do Governo? Na Catedral? Onde?

15 Considera agora Porto Alegre como um corpo. Onde colocarias o estômago? No sombrio frescor do Mercado Público, entre as bancas cheias de peixe prateados? Num supermercado? Qual? Nas feiras livres? Onde colocarias o cérebro? As pernas? A alma? Onde colocarias a alma, porto-alegrense?

19 Trocarias o Morro da Polícia pelo Corcovado? O Saco da Alemoa pela Baía de Hong-Kong? O Largo dos Medeiros pelo Hyde Park? O Arroio Dilúvio pelo Rio Jordão? O Quarto distrito por Detroit? A parte alta da Protásio Alves pela parte baixa da Via Vêneta? Os dezoito do Cruzeiro pelos Dezoito do Forte? Os buracos das ruas pelas crateras lunares? Os magrinhos da Rua da Praia pelos cangaieiros do Nordeste? Não, não trocarias. Mas então responde:

20 [...] És feliz, porto-alegrense? Feliz?¹⁹

Nessa crônica, Scliar reflete sobre a identidade da cidade de Porto Alegre, de seus bairros e de seus habitantes através de uma comparação entre a cidade e outras cidades, entre cidade e o corpo humano, entre a cidade e a psique. A identidade da cidade é colocada como um problema, as perguntas ficam no ar sem resposta. O cronista procura desvendar os sentidos e os significados dos vários lugares da cidade e da própria cidade. Quem poderia guardar a chave do enigma? Quem teria as respostas para estas perguntas? O cronista? O leitor? O historiador? Após um longo percurso essas e outras perguntas continuam a nos desafiar e a exigir de nós historiadores e cidadãos das cidades brasileiras, respostas novas a cada momento. Assim, também, nós historiadores vamos fazendo a

¹⁹ SCLIAR, op. cit., p. 22.

travessia do *lettes* e tentando entregar aquela “carta”. Ou seria um significado especial sobre o passado para o presente, acerca das experiências sociais dos sujeitos que já não se encontram entre nós?

A guisa de conclusão pode-se rapidamente comparar a escrita desses dois cronistas como duas narrativas distintas da cidade. Nilo Ruschel e Moacyr Scliar pertencem a duas gerações e duas culturas urbanas diferentes. Nilo Ruschel experienciou sua juventude na Porto Alegre dos anos 1920 e 30. Moacyr Scliar nos anos 1940 e 50. Nilo Ruschel trata da cidade do passado, de uma cultura urbana que se organizava ao redor de cafés, bares e restaurantes nas décadas de 1920 a 1940. Scliar aborda a Porto Alegre dos anos 1970, a cidade do presente com todos os seus problemas e contradições.

Ruschel é um memorialista que se volta para os sujeitos reais do passado e busca compartilhar as suas lembranças de uma “outra Porto Alegre” com os membros da sua geração, bem como legar uma herança às novas gerações. Scliar trata das contradições da modernidade urbana da cidade através de personagens ficcionais. Ruschel narra suas andanças pela cidade, através da Rua da Praia, em cafés e bares cheios de pessoas, aromas e músicas. As crônicas de Scliar, através de percursos e espaços tanto reais quanto imaginários, indicam a modificação dessa cultura urbana, nos falam da nova temporalidade da experiência urbana.

Em quanto Ruschel constata as mudanças e nos convida a buscar um refúgio na Porto Alegre do passado, Scliar aponta para a impossibilidade dessa alternativa. As pontes de retorno estão cortadas, como encontrar uma saída? Encontraremos uma saída? A crônica, o humor, a ironia seriam essa saída? Nos permitiriam elaborar a perda das experiências sociais, substituídas por frágeis vivências? A perda da memória coletiva e da antiga narrativa à beira do fogo se transforma numa busca de reconstituição de uma memória social fragmentada e mediatizada, escrita nas folhas dos jornais e dos livros.

Ou, por outro lado, não seriam as crônicas como aquelas garrafas lançadas ao mar em busca de um receptor, alguém apto para compreender e decifrar uma mensagem impregnada de memória, de tempo e de experiência social que ela carrega?